

## UTOPIAS ESPERANÇANTES NOS COTIDIANOS: A VIDA PARA ALÉM DAS HEGEMONIAS

INÊS BARBOSA DE OLIVEIRA

### RESUMO

Partindo das possibilidades inscritas nos cotidianos escolares e sociais, este texto se propõe a pensar em utopias praticadas, nas escolas e nas sociedades, abordando práticas utópicas esperançantes conhecidas e refletindo com elas sobre a invisibilidade a que os holofotes da modernidade e seus processos hegemônicos de negação dessas invenções cotidianas as submetem, entendendo-as como lampejos de pirilampos que resistem e (re)existem. Sejam projetos com moradores em situação de rua ou eventos acontecidos em uma escola, as experiências narradas no texto contribuem para conceber a beleza do sonho utópico em ação, em diálogo com obras e autores que a isso se dedicaram e se dedicam, como Boaventura de Sousa Santos e daquele que aqui é fonte de inspiração, o mestre de todos nós, Paulo Freire, junto a belezas literárias, musicais e fílmicas que expressam, em suas fabulações, possibilidades de esperanças utópicas cotidianas.

**Palavras-Chave:** esperanças praticadas; esperar freireano, utopias em ação; educação, sonhos e utopias cotidianas

## HOPEFUL UTOPIAS IN EVERYDAY LIFE: LIFE BEYOND HEGEMONY

### ABSTRACT

Based on the possibilities inscribed in school and social everyday life, this text proposes to think about practiced utopias in schools and societies, addressing known hopeful utopian practices and reflecting with them on the invisibility that the spotlight of modernity and its hegemonic processes denying these everyday inventions, submits them, understanding them as flashes of fireflies that resist and (re)exist. Whether some projects with homeless people or events that take place at a school, the experiences narrated in the text contribute to conceiving the beauty of the utopian dream in action, in dialogue with works and authors who have dedicated themselves, such as Boaventura de Sousa Santos and the one who is a source of inspiration here, the master of all of us, Paulo Freire, along with literary, musical and filmic beauties that express, in his fables, possibilities of everyday utopian hopes.

**Keywords:** practiced hopes; Freirean hope, utopias in action; education, dreams and everyday utopias

## UTOPÍAS ESPERANZANTES EN LA VIDA COTIDIANA: LA VIDA MÁS ALLÁ DE LA HEGEMONÍA

### RESUMEN

A partir de las posibilidades inscritas en la cotidianidad escolar y social, este texto propone reflexionar sobre las utopías practicadas en las escuelas y sociedades, abordando conocidas prácticas utópicas esperanzadoras y reflexionando con ellas sobre la invisibilidad que tiene el foco de la modernidad y sus procesos hegemónicos de negación de estas.

inventos cotidianos los someten, entendiéndolos como destellos de luciérnagas que resisten y (re) existen. Ya se trate de proyectos con personas sin hogar o eventos que tienen lugar en una escuela, las experiencias narradas en el texto contribuyen a concebir la belleza del sueco utópico en acción, en diálogo con obras y autores que se han dedicado y se dedican a ello, como como Boaventura de Sousa Santos y quien aquí es fuente de inspiración, el maestro de todos nosotros, Paulo Freire, junto a bellezas literarias, musicales y fílmicas que expresan, en sus fábulas, posibilidades de esperanzas utópicas cotidianas.

**Palabras-clave:** esperanzas practicadas; Esperanza freireana, utopías en acción; educación, sueños y utopías cotidianas

## Introdução

Temos insistido nos tempos recentes em trabalhar com os cotidianos na perspectiva do esperar freireano e na atividade à qual ele nos convida, a de lutar e de, como seres de esperança, criarmos outro futuro. Nos tempos sombrios, precisamos mais dessas possibilidades de contrariar o que parece inevitável do que em tempos de esperança institucionalizada ou espriada na sociedade. Atualmente, é nesses fios de esperança subversiva da distopia em que estamos vivendo que repousam nossos *esperançares*, nossas utopias vividas, teimosamente, com a alegria possível, a solidariedade contra-hegemônica e de mãos dadas com aqueles que seguem ao nosso lado. Streck (2019), conclui seu verbete sobre a esperança no Dicionário Paulo Freire (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2019) afirmando algo de extrema relevância no momento. Diz ele: “A esperança baseada na ação impede tanto a acomodação pragmática à realidade quanto a fuga para idealismos incapazes de interferir na história (p. 199)”.

E nada melhor do que trabalharmos com e para a ação, observando e aprendendo com as esperanças praticadas em diferentes cotidianos sociais e escolares, esperanças que localizam as utopias, fazendo-as reais, mesmo que quase invisíveis como a luz dos vagalumes, que segue existindo mesmo diante da cegueira quase generalizada daqueles que não os percebem em sua ação (BARONI; BASTOS, 2019), porque estão repletos de holofotes mentais trágicos ou conformistas.

Histórias conhecidas de todes, da literatura clássica aos filmes infantis, das letras de canções ao teatro, nos ensinam muito sobre a esperança, os sonhos materializados ou não, que nos movem pelo mundo. Entendo que a função de todas essas “esperanças equilibristas”, esses “sonhos (im)possíveis” que nos levam a “lutar quando é fácil ceder”, nas sociedades e na vida de quem dialoga com elas, é potencializar sua vontade e necessidade de ação a partir desses diálogos. É servir de catalisador para a presença atuante nas lutas e práticas utópicas esperançantes cotidianas.

Uma obra literária infantil adaptada para o cinema em 1984, “A História sem Fim” (PETERSEN, 1984), traz um forte ensinamento sobre aquilo de que estamos propondo debater neste texto, o potencial utópico das lutas cotidianas como realização do “sonho possível” ao qual alude Paulo Freire (2020) e confirma Boaventura (2020a), seguindo aquilo que vimos defendendo, ao afirmar que no debate que nos incita a refletir sobre as relações entre nosso passado e nosso futuro, faz-se necessário

procurar nas tradições as energias e as pistas para futuros melhores e, mais em geral, sobre as dificuldades da teoria pura, qualquer que ela seja, de dar conta da realidade sempre rebelde e sempre em movimento, [debate que] acompanhou todo o século passado, e penso que nos vai acompanhar no século actual (SANTOS, 2020a, p. 27).

Aceitando os limites das teorias, conforme alerta Boaventura, mas também suas possibilidades na compreensão da luta utópica, vamos percebê-la, com a ajuda desses dois autores, como possibilidade e, mais do que isso, necessidade humana. “Faz parte de sua natureza, histórica e socialmente constituindo-se, que homens e mulheres não prescindem do sonho e da utopia”. (FREIRE, 2020, p. 77). E por isso entendo que fazemos nos nossos cotidianos, aquilo que recomenda Boaventura (SANTOS, 1995, p. 106) ao dizer que “o reencantamento do mundo pressupõe a inserção da novidade utópica naquilo que nos está mais próximo”, ou seja, na vida cotidiana.

É partindo, portanto, das possibilidades inscritas nos cotidianos já existentes, que vamos pensar nessas utopias praticadas (OLIVEIRA, 2013), nas escolas e nas sociedades, entendendo, como o fizeram alguns dos principais pensadores africanos do período da descolonização que é preciso reivindicar “a diversidade das vias para o desenvolvimento” considerando “as experiências ancestrais de vida comunitária” como prioritárias em relação à luta de classes que podemos pensar, atualmente, a novidade utópica e as realidades nelas inspiradas e por elas produzidas como meio de pensar o desenvolvimento social, a democracia e a luta pela justiça social. Partindo desses locais e daquilo que pensam e criam, vamos encontrar a nossa “ideia mobilizadora de uma utopia de libertação” (SANTOS, 2020a, p. 4).

Assim, vamos abordar as práticas utópicas esperançantes que conhecemos, como afirmamos no ENDIPE 2020 (OLIVEIRA, 2020) e em tantas outras oportunidades (OLIVEIRA, 2003, 2013, 2020, no prelo). Do Projeto Rua Solidária a outros movimentos relevantes que hoje combatem a insegurança alimentar no Rio de Janeiro a iniciativas escolares que buscam combater discriminações diversas – aqui falaremos da discriminação de gênero, em voga nesses tempos conservadores. São movimentos, alguns organizados e estruturados, outros plurais, mas de alcance local, que promovem equidade de gênero nas escolas ou levam esperança a muitos, sob a forma de refeições, colchões, remédios, produtos de higiene e tantas outras coisas que permitem a populações excluídas um alívio e uma janela aberta a tempos melhores. Uma faísca de sonho, a visão do tímido acender de um vagalume, que na escuridão, ilumina e viabiliza a utopia.

Reencontramos aqui a história infantil de que falávamos, uma história que trata de reafirmar que a sobrevivência da fantasia/utopia se acaba quando desistimos de sonhar. Só quem continua a crer na fantasia/utopia tem o poder de enfrentar aquilo que o ameaça – no filme, é o nada que substitui o “reino da fantasia”. Na nossa realidade, a extrema direita e as iniquidades que produz e realimenta, numa incessante busca de “engolir” as felicidades e utopias alheias (MÃE, 2017). Só com a permanência de utopias em ação, de exercícios cotidianos de sonhar e acreditar em suas possibilidades, podemos abrir nossas mentes e fazer crescer em nós a utopia, como as personagens do filme, crianças que lutam pelo direito de sonhar, de viver e de (re)criar fantasias/utopias. E reafirmamos, com Freire, que não se trata simplesmente de uma opção política, mas de uma necessidade para a vida quando se busca a democratização.

Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se... Não há mudança sem sonho e nem sonho sem esperança. (FREIRE, 1992, p. 91).

Incluir-se na luta por sonhos possíveis implica assumir um duplo compromisso: o compromisso com a denúncia da realidade excludente e o anúncio de possibilidades de sua democratização, bem como o compromisso com a criação de condições sociais de concretização de tais possibilidades (FREITAS, 2020, p. 41)

Assim, a necessidade de investir em possibilidades esperançantes, de inserir novidades utópicas em nossos cotidianos, elencadas por Freire e por Boaventura, naquilo que ainda-não (BLOCH, 1995 apud SANTOS, 2000) sabemos fazer, mas que potencialmente somos capazes de criar, a partir do que temos e sabemos, e daquilo que nossos sonhos e utopias permitem conceber e investir em, imaginamos horizontes de possibilidades, percebendo que: “sonhar coletivamente é assumir a luta pela construção das condições de possibilidade” (FREITAS, 2020, p. 42) de uma sociedade e de uma humanidade que podem e desejam realizar sua “vocação ontológica” de “Ser-mais” (FREIRE, 1992), que se insurjam contra a necropolítica em andamento na atualidade, mesmo antes da pandemia, conforme nos alerta Mbembe (2018), ao tratar da “ocupação colonial contemporânea, [na qual ocorre] um encadeamento de vários poderes: disciplinar, biopolítico e necropolítico” (p. 48). Inspirado no caso palestino, o autor fala em “proliferação dos espaços de violência” (p. 46), em “sabotagem orquestrada e sistemática” – como vimos assistindo desde o início da pandemia no Brasil – e enuncia algo muito apropriado para definir o Brasil de hoje, denunciando ações que evidenciam a opção pela necropolítica. “A vida cotidiana é militarizada. É outorgada a liberdade aos comandantes militares locais para usar seus próprios critérios sobre quando e em quem atirar” (p. 48).

Assim sendo, diante da ascensão da extrema direita ao poder e todas as barbáries que ela promove com sua necropolítica, e que nos indigna permanentemente, do cenário de um capitalismo globalizado cada vez mais iníquo, seguimos sonhando, esperançando e praticando utopias. E isso nos parece ser uma condição de sobrevivência. Nos juntamos, portanto, a SANTOS (2020b, p. 25) quando este afirma ser um “otimista trágico”, esclarecendo o que, para ele, isso significa: “recuso-me a deixar de ver alternativas, mas sou trágico no sentido em que sei quais são as dificuldades, e agora mais do que nunca”. A Boaventura podemos juntar Gabriel Garcia Marquez (2011), que expressou bem o que queremos *pensardizer*, em seu discurso quando venceu o Prêmio Nobel de literatura, em 1982. Diante de uma plateia predominantemente europeia, citou Faulkner e sua recusa em “a admitir o fim do homem”, e se juntou a ele, numa recusa semelhante, aludindo a uma realidade trágica, semelhante à da necropolítica (MBEMBE, 2018) vigente no Brasil no período da pandemia.

Diante desta realidade assombrosa, que através de todo o tempo humano deve ter parecido uma utopia, nós, os inventores de fábulas que acreditamos em tudo, nos sentimos no direito de acreditar que ainda não é demasiado tarde para nos lançarmos na utopia contrária. Uma nova e arrasadora utopia da vida, onde ninguém possa decidir pelos outros até

mesmo a forma de morrer, onde de verdade seja certo o amor e seja possível a felicidade, e onde as estirpes condenadas a cem anos de solidão tenham, enfim e para sempre, uma segunda oportunidade sobre a terra (MARQUEZ, 2011, p. 28).

Precisamos acreditar e fazer acreditar nessa percepção de Boaventura e Marquez, assumindo a fabulação do segundo para ir além, inserindo nos nossos sonhos utópicos não só a crença de que não é tarde demais, mas também uma fábula que inclui “a tal da felicidade”, plena de desobediência inventiva e de não aceitação fatalista das coisas ruins, como dito na passagem abaixo, de Valter Hugo Mãe (2014).

Acho que invento a felicidade para compor todas as coisas e não haver preocupações desnecessárias. E inventar algo bom é melhor do que aceitarmos como definitiva uma realidade má qualquer. A felicidade também é estarmos preocupados só com o que é importante. O importante é desenvolvermos coisas boas, das de pensar, sentir ou fazer (MÃE, 2014, tema 10).

Esta nos remete ainda, a Mia Couto (2000), que dizia na 1ª frase de um livro: “Sou feliz só por preguiça. A infelicidade dá uma trabalhadeira pior que doença” (p. 9). Vamos, portanto, neste texto, *praticarpensar* um pouco de esperança equilibrista, mostrando sonhos (im)possíveis, lutando sem ceder e, de novo com Valter Hugo Mãe (2020) acreditando em sementes que podem conter “um mundo por nascer” e entendendo que as plantas advindas desses grãos seriam seres que se “educam por telepatia com Deus” e “Inventam vida até a partir daquelas sementes que pareciam só pedras secas e mortas” (p. 96). Tantos e tão potentes textos e ideias que não parece digno ignorá-los em benefício do silêncio, da imobilidade, da acomodação, da desistência. Ou da desesperança, que, conforme aprendido no cinema, “é inimiga da justiça”. Frase que se complementa com um chamado à ação, que afirma que “a esperança nos permite ficar de pé quando nos mandam sentar, e falar quando nos mandam calar” (CRETTON, 2019). Impossível assim, fugir à luta. Por isso, seguimos esperando utopicamente, desafiando silenciamentos e subalternizações.

### Viva a esperança equilibrista, que faz a vida continuar (e brotar)

Nenhuma população é tão subalternizada quanto àquela em situação de rua. E talvez por isso, as narrativas de apoio a essas populações, antes e durante a pandemia, me parecem tão relevantes. São movimentos solidários e distantes da antiga “caridade”, que sempre deixou clara a condição de subalternidade daqueles a quem se dirigia. Movimentos fraternos, que valorizam a dignidade de todos e buscam contribuir para que ela emerga naqueles que vivem, indignamente, em situação de rua.

Na primeira narrativa, Vânia Rosa, que foi moradora em situação de rua, dependente de drogas e sem perspectivas durante um período de sua vida conta, na Oficina da UPMS ocorrida na Reunião Anual da ANPEd em 2019, um pouco de sua trajetória e de seu atual trabalho, de liderança de ações junto a essa população. Já ao se apresentar, ela explica que:

Por quase quinze anos transitei nas ruas do Rio de Janeiro e outras fora do meu estado. [...] superando essa trajetória, essa situação, eu consigo hoje voltar nessa mesma rua levando a esperança, o exemplo da possibilidade, das mesmas que eu tive pra eu hoje estar aqui falando com vocês. Superar e vencer medos, um dos temas aqui [...]. Medo sempre foi um problema muito sério entre continuar a luta ou parar, como foi o caso de Marielle, que de uma forma ou de outra pararam. E muitas pessoas têm medo de lutar enquanto militante, principalmente ao tratar de direitos humanos. E eu tive que superar esse medo, pra eu mesma vencer os meus próprios medos e sair finalmente daquela situação (UPMS, no prelo, s/d).

Vânia se declara “militante e ativista dos direitos humanos para população em situação de rua. E uma batalhadora, que prossegue na luta desenvolvendo atividades e investindo na situação de rua e tratamento de dependentes químicos”. Frequenta as calçadas, como ela mesma diz. Durante a pandemia, Vânia e seus pares do movimento “Rua Solidária” intensificaram sua ação, distribuindo, desde o início do período, além de quentinhas, produtos de higiene, roupas e medicamentos e, mais recentemente, com a chegada do inverno, cobertores. O movimento é atento e presente, sempre. É um movimento que mostra, junto a outras ações que Vânia desenvolve, em um projeto de arteterapia e no fórum do qual participa, em defesa das populações em situação de rua,

o quanto se pode fazer e as inúmeras possibilidades de trabalhar pela desinvisibilização dessas populações, seus problemas, conhecimentos e modos de (sobre)viver! São práticas sociais de solidariedade e de diálogo, que mostram ao ocidente colonizador, branco, masculino e burguês o que há para além do que ele quer ver, do que ele aceita como existente (OLIVEIRA, 2020, p. 369).

É um esperançar cotidiano, *praticadopensado* (OLIVEIRA, 2016) e aprender com Vânia e sua luta tem sido um privilégio. A cruel invisibilidade dessas populações, vítimas de um sistema que as produz e exclui, como percebemos cotidianamente, exige esperanças como o de Vânia, cujos conhecimentos da situação lhe permitem

trabalhar com Arteterapia e estar na militância institucional, dentro e fora do espaço do Estado, mostrando a quem tem o prazer de ouvi-la e aprender com ela, o quanto se pode fazer e as inúmeras possibilidades de trabalhar pela desinvisibilização dessas populações, seus problemas, conhecimentos e modos de (sobre)viver! São práticas sociais de solidariedade e de diálogo, que mostram ao ocidente colonizador, branco, masculino e burguês o que há para além do que ele quer ver, do que ele aceita como existente.

Com Lúcio Sanfelippo, doutor em Educação pela UERJ, cantor e babalaô, o processo foi outro, mas a ação solidária aos moradores em situação de rua também é respeitosa, fraterna e voltada à dignidade daqueles a quem ele ajuda. Em recente entrevista, Lúcio explica o início de sua atividade.

É uma ação orientada por um espírito, um Exu chamado Tranca Rua das Almas que fez a gente olhar pro lado de maneira muito atenciosa e respeitosa. A gente que costuma passar e nem olhar mais de tão acostumado que a gente está com a miséria que se instaurou nesse país, a população triplicou, quadruplicou, nem sei quantas pessoas mais tem na rua desde que aconteceu o golpe. Mas a gente está seguindo fazendo o que a gente pode (áudio enviado por whats app em 9/6/2021).

Ou seja, vem da sua crença e da sua prática religiosa o “chamado” para a ação. O trabalho, apelidado de “Ciranda do Seu Tranca Rua das Almas” ou “Ciranda dos Braços Tortos”, nasceu porque Lúcio estava fazendo uma quentinha para vender numa época de dificuldade financeira extrema e o “Seu Tranca Rua” disse a ele que ele “tinha que entregar 3 desses almoços toda segunda-feira na rua para a população em situação de rua”.

Eu nem sabia que a gente chamava de população em situação de rua, a gente vai aprendendo durante essa caminhada, que vai fazer 5 anos agora no mês de julho de 2021. Aí eu entreguei a comida na rua e formou uma fila. Eu fiquei desesperado de ver como aquilo não ia dar conta. Então com o tempo, eu conversando com o Senhor Tranca Rua falei: olha ou o senhor me deixa rico para eu poder fazer muitos almoços ou eu vou parar com isso porque eu não tenho estrutura para enfrentar essa situação de olhar a pessoa voltando sem nada na mão.

Mas ao dizer isso, Lúcio se deu conta de que poderia acionar a rede de amigos – cinco mil no facebook – e colocou a informação sobre seu trabalho lá. E conta que foi assim que foi aumentando de um para três, para cinco, sete.

Quando começou a pandemia a gente estava entregando 82 almoços uma vez por semana. E aí muita gente se engajou nessa história toda e a gente então leva. A gente agora está numa campanha de comprar cobertores mas a gente já comprou moletom, bermuda, chinelo, cuecas e meias novas, para eles receberem coisas novas também e não só coisas usadas que também têm a sua dignidade. Mas é que eles não têm quase essa coisa do novo chegar para eles.

Estamos, claramente, diante de uma ação que se assemelha à de Vânia, tanto pelo que leva de ajuda, quanto de como busca ajudar materialmente numa perspectiva de resgate, também, da dignidade. É uma solidariedade social, que não subalterniza o outro, antes reconhecendo seus direitos a comer e a possuir um mínimo de coisas que permitam ampliar, também, a dignidade. Durante a pandemia, além das refeições, ou às vezes em substituição a elas, Lucio e seu grupo entregam cestas básicas, às vezes lanches. E minha impressão de que é uma ação que busca, também, a dignidade se fortalece quando Lucio fala de outras coisas:

Um biscoito, uma ração para cachorro porque eles têm cachorro, um brinquedinho para as crianças, uma comidinha diferente... A gente tem se virado assim e aproveitado para ajudar outras ações que tomam conta dessa população, desses irmãos em situação de rua, transferindo grana ou então comprando cota de alguma rifa que aparece.

Além de tudo que oferece, Lucio afirma que muito tem aprendido nesses 5 anos com as histórias que aparecem nos momentos em que interage. Diz que há pessoas que abriram mão de, às vezes, “descambar para a marginalidade, para a bandidagem, e fica na rua porque não quer ser ladrão, não quer roubar” Aprendeu, também, a perceber a generosidade entre esses, que tão pouco têm.

E como eles também são generosos entre si! Às vezes uma pessoa pega duas cestas, calha de naquela hora que a gente está ali não aparecer uma fila grande e as pessoas pegarem duas. Aí daqui a pouco aparece alguém e acabou a cesta básica, eles pegam aquela cesta básica que eles tinham pego e dividem ou então tiram algum item da cesta, como era na época do almoço que a gente cozinhava aqui em casa.

A intensidade humana dessa passagem, junto aos brinquedos das crianças e rações para cachorro anteriores, são, além de comovedoras, ações que nos devolvem a fé na humanidade e na sua capacidade de aprender, se solidarizar e se humanizar, apesar da desumanização trazida pela iniquidade da sociedade em que vivemos. Seguindo nesta linha, Lucio ainda nos fala dos planos até o fim do ano, reforçando aquilo que já percebemos de sua ação. Diz que

na época das crianças, que a gente vai fazer em setembro, a gente compra brinquedo e as pessoas fazem muitos doces e a gente leva. Natal e ano novo a gente faz ceia salgada e ceia doce. E as pessoas que querem ajudar e não sabem como, que não têm tempo, elas contribuem financeiramente para a gente montar a estratégia de como é que a gente vai fazer a ação naquela semana e elas confiam na gente. É muito legal que muita gente deposita o seu suado dinheirinho e confia que a gente vai usar da melhor forma para atender essa população. A gente sabe que a gente não vai acabar com o frio, com a fome, com nada. Mas naquele momento que a gente chega lá a gente não só ajuda a alimentar o corpo daquelas pessoas e a alma, e matar um pouco do frio e da sede, a gente volta muito reconfortado com a sensação de estar fazendo aquilo de “quem salva uma vida salva todas”. A gente volta muito em paz, sabe?

Mas não é simples! Ele conta, também, que a mãe, quando ia com ele, voltava chorando, e que o filho não suporta. “Porque às vezes não é mole não, você vê a situação das pessoas com feridas pedindo remédios, com o pé assim ou assado”. O esperar praticado está lá, mas também a consciência do drama que vivem essas populações, incluindo uma grávida, que estando perto de dar à luz, não sabia a quem recorrer, nem como, e foi ajudada pelo grupo para ter seu filho, com dignidade, em uma maternidade.

O preconceito religioso também se fez presente, mas chama a atenção, não só o preconceito, mas a luta pela dignidade de pessoas que não aceitaram a comida, por entenderem que “não era de Deus”, já que vinha de um grupo candomblecista. Mas narra, também, que já houve outros que, se identificando com a religião, “saiu cantando ponto de macumba”. E lamenta os tantos que, ao longo desses cinco anos, partiram. Conclui dizendo que fica feliz, não só com o crescimento de seu próprio trabalho, mas pelo modo como ele vem podendo se multiplicar a partir da divulgação que decidiu fazer.

Eu fiquei um tempo com muita gente criticando que eu divulgasse essas ações que a gente faz, porque quem faz o bem não tem que divulgar, mas eu acho que quem não aparece não recebe doação e quem não recebe doação não consegue ampliar a ação, não consegue fazer com que se multiplique a quantidade de comida. Então eu acho que tem que divulgar, que tem que falar que existem essas ações. Tenho um amigo que está fazendo lá em Mesquita, e ele falou “é por causa de você que eu comecei a fazer isso”, então isso já vale.

Trabalhos humanitários, humanizantes, *praticadospensados* nos cotidianos da cruel metrópole que se dirige às populações subalternizadas, não apenas as de rua, “com os punhos fechados na vida real, lhe nega oportunidades. Mostra a face dura do mal”. E o sol da manhã segue lhes desafiando, trazendo “do sonho para o mundo, quem já não o queria”. Mas mesmo na agonia, de tantos, “a esperança que não vem do mar nem das antenas de TV”, permanece viva, na e pela fé<sup>1</sup>, mas não só, permanece viva pelas ações esperançantes de Vânia e Lucio, e tantos outros.

Mas não é só nas ruas que ações esperançantes e humanizantes acontecem. Elas se fazem presentes nos cotidianos de muitas escolas, *praticadaspensadas* (OLIVEIRA, 2016) por professoras, alunos e em comunidades escolares que se envolvem com essas esperanças praticadas.

A página de facebook “Vida de Professora” ([www.facebook.com/soyprofessora](http://www.facebook.com/soyprofessora)), criada pela professora Soymara Emilião, traz histórias de lutas cotidianas esperançantes, e sua própria existência já é uma. Pequenas e belas narrativas de acontecimentos em uma escola pública de região periférica em Niterói, no Rio de Janeiro. Soymara é uma militante, e tudo aquilo que insere em sua página tem um significado de luta. Neste texto, traremos algumas narrativas que nos confrontam com questões de gênero, aquilo que elas permitem refletir sobre o tema. Assim, tanto em sua sala de aula quanto em sua página, ela denuncia e anuncia, freireanamente, aquilo com que se depara e as chances de enfrentamento, na escola, das questões que emergem dessa vivência com seus alunos.

Soymara nos empresta, de sua página, alguns eventos relacionados à questão da discriminação de gênero e à violência contra a mulher. Começamos pelas denúncias, repletas de compreensão e solidariedade da professora, mas que revolta e comove, pelo tanto que maltrata, mulheres e suas filhas.

Lembrando sempre que os acontecimentos domiciliares nunca podem ser reduzidos ao lar, já que expressam valores e regras sociais de convivência, o que percebemos nessas narrativas é o quanto ainda vivemos em uma sociedade em que valores democráticos seguem em disputa com a discriminação e a violência contra grupos sociais subalternizados. Aqui são as mulheres, em outras circunstâncias são homossexuais, negros e indígenas, pobres periféricos, populações do campo ou detentores de conhecimentos desvalorizados socialmente, numa lista quase infindável de vítimas da baixa intensidade da nossa democracia (SANTOS, 2016). Denunciando, por meio do que lhe trazem as crianças, a página “Vida de Professora” traz as narrativas abaixo.

	<p>A professora estava entre livros e folhas quando a menina entra nervosa. Rosto coberto de lágrimas, olhos de dor.</p> <p>Ainda atordoada, a professora oferece o colo, um abraço e um lenço.</p> <p>Senta a menina e busca entender: relatos de violência doméstica, polícia, dor, tristeza. Mas a menina tem uma preocupação maior: e meus irmãozinhos que são bebês, como estarão?</p> <p>E no meio do caos, que essa menina chama de infância, ainda há espaço para pensar no outro, quando todo o resto, quiçá Deus, esqueceu dela.</p> <p>Abalada, sentida, a velha professora aprende mais sobre o amor com aquela sofrida menina.</p>
<p>A menina de óculos, atenta e séria, lia com atenção o texto do livro didático: “Lei Maria da Penha”.</p> <p>Perguntou: “me diz como é essa Lei”.</p> <p>A docente começou a contar a história da mulher, Maria da Penha, o sofrimento causado pelo marido algoz e sua luta por justiça, até que se transformasse em lei, não só contra a violência física, mas também moral, psicológica e financeira.</p> <p>A menina ouvia, atenta e incrédula. Depois de minutos de silêncio, novamente indagou:</p> <p>- Mas o que eu queria entender é como a mulher, sabendo de tantas proteções, fica com o homem que bate e humilha.</p> <p>Já não era uma aluna, era a vítima de uma vítima.</p>	

As tristes situações expressam uma das piores formas de discriminação contra a mulher, aquela que culmina com violência e humilhação, com crianças submetidas a cenas como aquela narrada na primeira história. Mas percebemos, também, nessa primeira história, o resultado, que é uma aprendizagem sobre o amor, o que significa que a mensagem de esperança está lá. Assim sendo, sigo defendendo que não se pode perder de vista que, nas redes educativas nas quais nos formamos e formamos outros, “nos tantos 'espaçostempos' cotidianos, 'dentrofora'<sup>2</sup> das escolas mantendo relações com essas, portanto” (ALVES, 2019, p. 24), estão sempre expressões daquilo que existe na sociedade e, por isso, ao mesmo tempo em que acompanhamos tantas histórias que nos inquietam, percebemos nelas, e em outras, elementos que nos permitem seguir esperando. Ou seja, vamos repensar as dicotomias próprias da constituição da ciência moderna, expressas em pares de opostos – que incluem a separação entre bom e ruim, certo e errado – entendendo-as e à sua expressão como relações complexas.

(...) para nós que trabalhamos em pesquisas com os cotidianos ela tem significado limites ao que precisamos criar para compreender a tessitura de *conhecimentossignificações* nas múltiplas redes educativas que formamos e que nos formam. Por esse motivo, preferimos escrever as palavras (...) juntas, em itálico e entre aspas simples, para mostrar os limites dessa maneira de pensar” (ALVES, 2019, p. 15, NR 2).

Com isso, criamos outras possibilidades de *fazerpensar* o mundo e as pesquisas, afirmando as pesquisas nos/dos/com os cotidianos como uma perspectiva epistemológico-metodológica de pesquisar que busca destacar a complexidade do mundo e das escolas, das práticas sociais e educativas em função da multiplicidade de modos de atuar nas escolas e na vida cotidiana, vinculados, sempre, às experiências e compreensões de mundo em sua pluralidade constitutiva e singularidade individual. É assim que encontramos as tantas histórias que nos permitem esperar – junto com seus protagonistas, como veremos adiante.

São histórias que mostram existências invisibilizadas, emergentes, lampejos que anunciam utopias praticadas (OLIVEIRA, 2013), vivenciadas com as crianças na escola onde Soymara trabalha, mas certamente também em muitas outras. Narrativas que evidenciam modos contra-hegemônicos de compreender e atuar no mundo, aqui privilegiadamente em torno das relações de gênero. E seguimos, agora com as narrativas esperançantes, de crianças em luta contra o machismo.



A aula era sobre mitos e lendas e a menina que vai ser poeta lembrou do boto cor de rosa. Mas foi interpelada pelo infante de sete anos:

Ei garota!! Está sendo machista!!! Esse negócio de rosa e azul é coisa machista. Deixa o boto ser da cor que ele quiser.

A docente tinha o hábito de marcar a folha da atividade de casa nos livros didáticos com pequenos papéis adesivos coloridos. Naquele dia era um de cor rosa.

Um dos meninos da turma de 7 anos reclama:

- Rosa não!

Ficou isolado o coitado. Os colegas se colocaram:

- Você está sendo machista!

- O que tem ser rosa? É a cor preferida do meu pai.

- Meu pai tem camisa rosa e eu também.

- Isso é antigo, de rosa ser de menina.

- Eu gosto de rosa, pode colocar.

	A professora assiste em silêncio, enquanto distribui o papelzinho.
--	--

Curioso notar nessas narrativas a reação predominantemente dos meninos, contra o machismo! Anúncio de esperança viva, de “sonho possível”, de mais equidade na relação entre gêneros, e porque não entre etnias, culturas, conhecimentos. Crianças “progressistas”, com preocupações pertinentes e relevantes com os preconceitos e discriminações de gênero. As cores são livres, e elas também! Circulam por onde preferirem, sem associação ao gênero ou à sexualidade. Sonho coletivo de equidade e de liberdade de escolha, nada melhor para esperar! Enquanto praticamos essas e outras esperanças, sonhos e utopias, seguimos assim com as lutas esperançantes, nos cotidianos, entendendo que elas produzem avanços quase invisíveis em muitos setores da sociedade, avanços que brilham fragilmente e que exigem a atenção de olhares desejan-tes de ver, de descobrir e de se encantar, como fazem Baroni e Bastos (2019) ao anunciar a pesquisa à qual se dedicam, em escolas periferizadas de um município fluminense.

Partimos de uma narrativa de Pasolini, retomada por Didi-Huberman no livro *Sobrevivência dos vaga-lumes* (Didi-Huberman, 2011). Em um texto escrito nos anos 1970, Pasolini, escritor e cineasta italiano, conta que costumava ir a um bosque perto de Roma para observar os vaga-lumes e lamenta seu desaparecimento, que atribui ao crescimento da cidade e consequente desequilíbrio do ambiente natural. O que Didi-Huberman aponta, todavia, é que os insetos não haviam desaparecido de fato, mas se deslocado, e que, para enxergá-los nas novas condições de grande luminosidade do núcleo urbano muito próximo, seria necessário um novo modo de ver, mais atento e minucioso, um olhar que se deslocasse de seu ponto de vista habitual (BARONI, BASTOS, 2019, p. 2).

O que proponho aqui se assemelha ao que as autoras se propuseram lá, mas numa perspectiva de compreensão de produção e busca desses lampejos como *políticaspráticas* cotidianas de esperança e de aproximação da utopia de uma sociedade melhor no que se refere à justiça e à solidariedade. Os “lampejos de pirilampos – [singelos, porém potentes] –, brilhos que se mostram em redes de solidariedade, na tessitura de soluções alternativas, em movimentos de resistência, nas maneiras de ser, de fazer e de pesquisar” (BARONI; BASTOS, p. 2) são nosso argumento.

As práticas sociais e educativas acima narradas cabem nessa argumentação sobre as escolas, mas a transcendem. A esperança equilibrada que se pratica hoje no Brasil precisa ser percebida para além das escolas, nas “redes educativas” (ALVES; 2019) nas quais vivemos e aprendemos

Essas "redes de conversas" se dão nas inúmeras redes educativas que formamos com muitos outros e nas quais nos formamos permanentemente, nos tantos '*dentrofora*' das escolas. Nessas redes educativas criamos '*conhecimentossignificações*', nas relações com os outros seres humanos, necessários ao nosso viver cotidiano. O que é criado passa por trocas e negociações entre as diversas redes porque seus '*praticantespensantes*' entram nelas e saem delas em processos permanentes e diferenciados (p. 19).

Dá a importância das narrativas sobre os trabalhos de Lúcio e Vânia, que evidenciam práticas sociais solidárias e emancipatórias de *praticantespensantes* (OLIVEIRA, 2016) da vida cotidiana em espaços sociais não escolares. Nas redes educativas que “nos formam como docentes e a todos como cidadãos, trabalhadores, seres políticos, sociais e históricos” (ALVES, 2019, p. 115) estão inscritas possibilidades transgressoras, esperançantes, desinvisibilizadas pelas narrativas acima. Esperanças praticadas que habitam nosso cotidiano, nas solidariedades com as populações em situação de rua, entre vizinhos que se dedicaram à ajuda mútua durante a pandemia, entre professores e estudantes na difícil vivência do trabalho remoto, entre tantos outros exemplos existentes antes e durante a pandemia, que certamente permanecerão existindo depois, como vagalumes sob a luz intensa da modernidade – quase invisíveis, mas atuantes e potentes, rompendo em escala micro, com o excesso de luminosidade dos discursos e práticas hegemônicos, que cegam quem nelas se concentra.

Trata-se de credibilizar e apontar potenciais “ainda-não” realizados (SANTOS, 2018) de um mundo em busca de mais justiça e solidariedade, que acontece na invisibilidade das práticas e táticas cotidianas (CERTEAU, 1994), fora dos holofotes da distopia hoje hegemônica como sociabilidade no país, estratégia epistemicida – de negação pelo pensamento hegemônico de outras perspectivas de conhecimento sobre o mundo, descredibilizando-as, invisibilizando-as e subalternizando-as – (SANTOS, 1995) e genocida de um poder desumanizado que insistimos em combater em nossa luta pela humanização, que inclui a educação e o direito a ela, alimentação saudável e moradia, acesso à escola e às tecnologias necessárias para o diálogo com o mundo, entre tantas outras coisas, como o direito de sonhar.

A prosa poética de Valter Hugo Mãe nos serve, mais uma vez, de argumento, enquanto pensamos nos Titãs e em seus “Bichos Escrotos”, como ratos, baratas e o “cidadão civilizado” – mais referenciado atualmente como “cidadão de bem” – “seres matadores, invejosos, gulosos da felicidade dos outros” (MÃE, 2017, p. 19), que impedem o retorno da “criança plantada”. O livro no qual encontramos essa denúncia de Mãe se chama, provavelmente não por acaso, *Desumanização* (MÃE, 2017). A irmã gêmea que morre, Sigridur, povoa os pensamentos da personagem da obra, que preocupada com a irmã enterrada, reflete:

Eu sabia que os bichos haveriam de devorar o corpo da Sigridur. Se ela tivesse de ser uma semente, se esperasse germinar, não o conseguiria enquanto os bichos lhe devorassem os aumentos. Ou poderia acontecer-lhe igual àquelas árvores pequenas do Japão. Árvores que queriam crescer mas que alguém mutilava para ficarem raquíticas, apenas graciosas na sua grandeza perdida. (...). Os bichos, apressados e cheios de estratégia, mastigavam a Sigridur para que se mantivesse uma semente fechada (...). Devoravam-na para que a pele permanecesse infértil, apenas secando de podre... (p. 19)

As estratégias desumanizantes dos poderosos estão na ordem do dia, nos holofotes da mídia e nas nossas vidas cotidianas, mas

Mais “embaixo” (down), a partir dos limiares onde cessa a visibilidade, vivem os praticantes ordinários da cidade. Forma elementar dessa experiência, eles são caminhantes, pedestres, *Wandersmänner*, cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um “texto” urbano que escrevem sem poder lê-lo (CERTEAU, 1994, p. 171).

Lá onde cessam os holofotes, emergem os vagalumes, com seu piscar bruxuleante e de pouca possibilidade de “capitalização”, como é o próprio das táticas dos praticantes da vida cotidiana, identificados assim por Certeau. Esses praticantes desenvolvem seus *fazerespensares* em circunstâncias, ocasiões, que definem modos de usar as coisas e/ou as palavras, se comportar no mundo e desenvolver suas práticas sociais. Ou seja, os objetos físicos, os discursos ou os modos de estar no mundo são, no cotidiano, marcados pelas operações dos praticantes,

operações relativas a situações e encaráveis como “modalizações” conjunturais do enunciado ou da prática; de modo mais lato, indicam, portanto, uma “historicidade” social na qual os sistemas de representações ou os procedimentos de fabricação não aparecem mais só como quadros normativos mas como instrumentos manipuláveis por usuários (CERTEAU, 1994, p. 82).

As práticas sociais podem, portanto, ser libertadoras. Mesmo em cenários colonizados e submetidos a autoridades desumanizantes, é possível esperar utopicamente em meio à dificuldade vivida em uma sociedade autoritária. É possível, no cotidiano, termos operações, atos e usos práticos insurgentes em sua fragilidade de vagalume, de tudo aquilo que o poder pensa controlar, lembrando a máxima de que “toda regra tem sua transgressão”, esta última definida conforme as situações e suas conjunturas, plurais e móveis.

Há “maneiras de fazer” (caminhar, ler, produzir, falar), “maneiras de utilizar” que se tecem em redes de ações reais, que não são e não poderiam ser mera repetição de uma ordem social preestabelecida e explicada no abstrato. Desse modo, podemos afirmar que a tessitura das redes de práticas sociais reais se dá através de “usos e táticas dos praticantes”, que inserem na estrutura social criatividade e pluralidade, modificadores das regras e das relações entre o poder da dominação e a vida dos que a ele estão, supostamente, submetidos. E isto acontece no cotidiano (OLIVEIRA, 2003, p. 43).

A assim seguem nossas esperanças utópicas, praticadas nos diferentes cotidianos, como o brilho frágil dos pirilampos. Desinvisibilizá-los não é simples, mas é indispensável à luta política pela justiça social, pelos direitos de todos à dignidade humana e, sobretudo, para a credibilização da luta que segue seu curso, cada vez mais ofuscada por holofotes “gulosos” das liberdades e das luzes dos outros.

Buscar o brilho dos pirilampos quando as grandes luzes permanecem acesas não é uma tarefa simples. Trata-se de subverter ou desviar nosso olhar daquilo que ofusca. Mais que isso, trata-se de torná-lo crível quando

grande parte dos fios que tecem as nossas redes cotidianas mantém como “regime de verdade” (Foucault, 2007) a claridade do Paraíso (BARONI; BASTOS, 2019, p. 3).

### Sonhando coletivamente sonhos (im)possíveis: a luta continua

Longe das luzes ofuscantes dos exageros iluministas da modernidade, seguem os praticantes da vida cotidiana, esperando e alimentando o sonho utópico de uma sociedade mais justa, mais solidária, mais democrática na qual a escola desempenhe um papel importante, de formadora para a democracia, para o diálogo, para o “ser mais”. Trata-se de assegurar práticas sociais e pedagógicas que contribuam para a superação da opressão, para a ampliação da dignidade humana, seja de quem for. Daí a extrema importância do trabalho junto a moradores em situação de rua e com crianças cujas famílias são vitimadas por preconceitos e dificuldades diversas, a todos aqueles a quem oportunidades são negadas em nome dos privilégios de quem “não repara na dor da vendedora de chicletes”, que “só olha pra si”<sup>3</sup> (CAZUZA; 1989).

Tantas mães e filhos vítimas de violências diversas, que “precisam de futuro” (MÃE, 2017, p. 25), tantas pessoas com a dignidade amputada por um sistema que lhes desumaniza quando, além de não lhes assegurar trabalho ou moradia, lhes sonega a possibilidade de pensar o futuro ao desesperaná-los todos os dias. Mas, teimosamente, seguimos nós, os esperançadores e nossos fazeres humanizantes. Vânicas, Lúcias, Soymaras e tantos mais, que seguem de pé e ajudando outres a levantar, seguem falando e contribuindo para o não silenciamento. E, assim, tecemos o futuro, um futuro que se pensa, se deseja e se espera, coletivamente. Esperanças que tecem o amanhã como o entendemos com Paulo Freire (2020, p. 77-78)

Todo amanhã, porém, sobre que se pensa e para cuja realização se luta, implica necessariamente o sonho e a utopia. Não há amanhã sem projeto, sem sonho, sem utopia, sem esperança, sem o trabalho de criação e desenvolvimento de possibilidades que viabilizem a sua concretização.

E percebemos, ainda, nesse Freire, algo que Lara Sayão nos ensina, no seu Prefácio ao livro de Lopes e Simas (2020), quando critica as sociedades ocidentais e seu cientificismo, apontando em sua crítica o que percebe de problemático nessa tradição.

Reduziu à técnica o que é experiência: preferiu o conhecimento em detrimento da sabedoria, e mal sabe ela que ambos são parceiros no baile da existência. Em vez de dançar escolheu a produção de teses sobre a dança, laureando coreógrafos.

Mas o batuque é intenso e forte, potente, saborosamente doído, toca, e no seu tempo, se faz ouvir. Não exige exclusividade porque se sabe parte da melodia. Sabe que é um dos saberes da comunidade humana, não quer ser o único, muito menos o melhor (SAYÃO, 2020, p. 10).

E nesse convívio solidário, vivo e democrático no batuque de relações humanas no qual as diferenças permitem a cada um desempenhar um papel para a beleza, riqueza e vivacidade do conjunto, está inscrita uma filosofia – amor à sabedoria – que

remete à busca por um pensar mais profundo sobre o que se pensa, uma busca amorosa pelo sentido, fundamentado na compreensão do mundo, do outro, do ser. Um amor que, ao tocar o amante, o movimenta a um viver não arbitrário, antes dialógico (p. 11).

Uma dialogia que nos devolve, em espiral, a Freire, enriquecido e ampliado pela visão presente em filosofias africanas, do diálogo e do reconhecimento do outro como base do tecido social. Dentre essas filosofias, faz-se necessário destacar a filosofia Ubuntu, que afirma a conexão entre as existências de todos, com seu lema de que cada um só é porque o é no coletivo, como a esperança freireana que exige essa ação coletiva, reafirmando ambos a conexão entre todos e, portanto, a interdependência entre aqueles que se julgam fortes e seus outros, entre aqueles que ocupam o poder e seus outros. Encontramos, ainda, a mesma ideia na professora citada por Pennac (2008) em seu Diário de Escola. Ao definir uma turma de alunos, ela traz a metáfora de uma orquestra, nos levando também à música e à complementariedade entre contribuições que produz a beleza do que, coletivamente, se pode produzir.

Cada aluno toca o seu instrumento, não vale a pena ir contra. O delicado está em conhecermos bem nossos músicos e encontrar a harmonia. Uma boa turma não é um regimento que marcha a passo cadenciado, é uma orquestra que trabalha a mesma sinfonia. E, se você herdou o pequeno triângulo que faz ding ding, ou o berimbau que faz toing toing, o que conta é que eles o façam no bom momento e da melhor forma possível, que eles se tornem um excelente triângulo, um irreprochável berimbau, e que fiquem orgulhosos da qualidade que a contribuição deles confere ao conjunto (p. 106).

Vale o conjunto, vale o coletivo, vale o esperar. Se levantar, ir atrás, construir, não desistir! Levar adiante, juntando-nos com outros para fazer de outro modo. Por isso é tão importante nos conectarmos às esperanças praticadas, às rebeldias contra a exclusão, às desaprendizagens do egoísmo individualista e seguirmos buscando os encantamentos e sonhos possíveis, fazendo como a acácia africana, que

tem a ousadia de ser cinza quando o que se espera dela é o verde e de verdejar quanto tudo se acinzentava. Nos tempos difíceis, é ela que dá a sombra para os rebanhos e alimenta o gado com as folhas das extremidades de seus galhos (SIMAS; LOPES, 2020, p. 105-106).

Nos alimentando das folhas verdes que surgem quando tudo se acinzentava – como o momento em que estamos vivendo, que combina pandemia com fascismo, genocídio com ultraconservadorismo – seguimos praticando esperanças, vivendo utopias e sonhando com um mundo melhor, nos recusando, como Garcia Marquez (2011) a abdicar do ser humano e, como Paulo Freire, a nos acomodarmos diante das iniquidades do mundo. “O meu discurso em favor do sonho, da utopia, da liberdade, da democracia, é o discurso de quem recusa a acomodação e não deixa morrer em si o sonho de *ser gente*, que o fatalismo deteriora” (FREIRE, 2020, p. 78). Diante das dificuldades gigantescas que enfrentamos nesse momento, a importância de seguirmos na luta nos é, mais uma vez, trazida por Freire (2020, p. 56), e envolve o compromisso ético com as gerações futuras

que esse permanecer esperançando e sonhando, praticando utopias nos cotidianos representa.

Precisamos vislumbrar nosso trabalho com base em uma noção de perspectiva e história. Nossa luta de hoje não significa que necessariamente conquistaremos mudanças, mas sem que haja essa luta, hoje, talvez as gerações futuras tenham que lutar muito mais. A história não termina em nós: ela segue adiante.

Sigamos com ela, fazendo-a por meio de nossas muitas esperanças praticadas, apostando na criação de um futuro inclusivo, plural, em que a democracia como “obra de arte político-cotidiana que exige atuar no saber que ninguém é dono da verdade, e que o outro é tão legítimo quanto qualquer um” (MATURANA, 1999, p. 75). Assim, acreditando, portanto, no sonho (im)possível de que: “seja lá como for, vai ter fim a infinita aflição e o mundo vai ver uma flor brotar do impossível chão “uma flor, brotar do impossível chão”, damos “Asas, à esperança equilibrista”, sabendo que é preciso, como no show dos artistas, continuar.

## Referências

ALVES, Nilda. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas**: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. São Paulo: Cortez, 2019.

BARONI, Patrícia R.; BASTOS, Gláucia S. Sobrevivência das Escolas-Pirilampo como Modo de (Re)Existência. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, e84983, 2019.  
<http://dx.doi.org/10.1590/2175-623684983>, p. 1-20.

BLANC, Aldir; BOSCO, João. **O Bêbado e o equilibrista**. Disponível em: [O Bêbado e a Equilibrista - Elis Regina - LETRAS.MUS.BR](#). Acesso em: 10/06/2021.

BUARQUE, Chico. GUERRA, Ruy. **Sonho impossível**. Disponível em: [Sonho Impossível - Maria Bethânia - LETRAS.MUS.BR](#). Acesso em 14/06/2021.

CAZUZA. **Burguesia**. Disponível em: [Burguesia - Cazuzza - LETRAS.MUS.BR](#). Acesso em: 13/06/2021.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano 1** : artes de fazer. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

COUTO, Mia. **Mar me quer**. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.

CRETTON, Daniel. **Luta por Justiça** (Just Mercy). Filme produzido por Gil Netter, Ascher Golsstein e Michael B. Jordan. Estados Unidos da América: Warner Brothers Pictures, 2019. Assistido em Streaming no Now-Claro Net. Disponível em diferentes plataformas.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**: a arte de tornar possível o impossível. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. São Paulo, Paz e Terra, 1992.

FREITAS, Ana L. Prefácio. **Pedagogia dos sonhos possíveis: a arte de tornar possível o impossível**. São Paulo: Paz e Terra, 2020, p. 39-45.

MÃE, Valter Hugo. **O Paraíso são os outros**. São Paulo: Cosac-Naify, 2014.

MÃE, Valter Hugo. **Desumanização**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

MÃE, Valter Hugo. **Contra mim**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2020.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Eu não vim fazer um discurso**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N – 1 Edições, 2018.

OLIVEIRA, Inês B. Da rebeldia dos cotidianos à desobediência civil: um percurso reflexivo nas/das pesquisas com os cotidianos em busca da realização de utopias. MARQUES, Rafael G. (Org.). **Resistência e (re)existência: debates no campo do currículo**. Rio Branco: Ed UFAC, no prelo.

OLIVEIRA, Inês B. Conhecimento e democracia: possibilidades emancipatórias em contextos educacionais, sociais e epistêmicos plurais. CRUZ, Giseli B; FERNANDES, Claudia; FONTOURA, Helena A.; MESQUITA, Silvana. **Didática(s) entre diálogos, insurgências e políticas**. Petrópolis: DP et Alii, 2020, p. 362-380.

OLIVEIRA, Inês B. *Currículo como criação cotidiana*. Petrópolis/RJ: DP et Alii, 2016.

OLIVEIRA, Inês B. Utopias praticadas: justiça cognitiva e cidadania horizontal na escola pública. *Revista Instrumento*. Juiz de Fora, v. 15, n. 2, jul./dez. 2013, p. 191-201.

OLIVEIRA, Inês B. *Currículos praticados: entre a regulação e a emancipação*. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

PENNAC, Daniel. **Diário de Escola**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

PETERSEN, Wolfgang. **A História sem fim** (Die Unendliche Geschichte). Produção de Bernd Eichinger. Alemanha Ocidental, Estados Unidos da América: Warner Brothers Pictures, 1984. Assistido no cinema. Informações disponíveis em: [A História Sem Fim : Elenco, atores, equipe técnica, produção - AdoroCinema](#).

REIS, Nando; ANTUNES, Arnaldo; BRITTO, Sérgio. **Bichos Escrotos**. Disponível em: [Bichos Escrotos - Titãs - LETRAS.MUS.BR](#). Acesso em 14/06/2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. O Vernáculo e o utópico. Coluna Ideias, **Jornal de Letras**, 26 de agosto a 8 de setembro de 2020, p. 27, 2020a.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Quem não acredita na utopia é porque é míope. Entrevista ao **Jornal I**, 28 de agosto 2020, n. 3284, ano 11, p. 17-25, 2020b.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O Fim do império cognitivo**. Coimbra: Almedina, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A difícil democracia: reinventar as esquerdas**. São Paulo: Boitempo, 2016.

SANTOS, Boaventura S. **A Crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, Boaventura S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 2000

SAYÃO, Lara. Prefácio. SIMAS, Luiz A.; LOPES, Nei. **Filosofias africanas**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2020, p. 9-14.

SIMAS, Luiz A.; LOPES, Nei. **Filosofias africanas**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2020.

STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte, Autêntica, 2019.

VIANNA, Herbert. Alagados. Disponível em: [Alagados - Os Paralamas do Sucesso - LETRAS.MUS.BR](https://letras.mus.br/alagados). Acesso em: 12/06/2021.

---

<sup>1</sup> Alagados, Composição: Herbert Vianna. Disponível em: [Alagados - Os Paralamas do Sucesso - LETRAS.MUS.BR](https://letras.mus.br/alagados). Acesso em: 11/06/2021.

<sup>2</sup> “Algumas vezes, as invertemos, no modo como são ditas, em geral, e com frequência as pluralizamos, na intenção de mostrar a diversidade e complexidade dos cotidianos nos quais vivemos e que pesquisamos”. (ALVES, 2019, p. 16; NR 2).

<sup>3</sup> Versos da música Burguesia, do álbum de mesmo nome, de Cazuza (1989).

*Submetido em junho de 2021.*

*Aprovado em junho de 2021.*

#### Autoria

##### **Inês Barbosa de Oliveira**

Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professora adjunta do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá. Ex-presidente da Associação Brasileira de Currículo (ABdC), membro titular do Conselho Fiscal da ANPEd e do GT de Currículo da entidade. Pesquisadora associada do GT de Políticas Educacionais da CLACSO. Bolsista PQ 1C do CNPq e Cientista do Nosso Estado FAPERJ.

**E-mail:** [inesbo2108@gmail.com](mailto:inesbo2108@gmail.com)

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-4101-3919>

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/0323845315267858>